

09-06-2020

## Quando o contágio vira extermínio

**Ernani Costa Mendes**

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.  
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Estamos vivendo realmente tempos difíceis, seja na esfera social, econômica, política e especialmente da saúde considerando a crise epidemiológica que atravessamos. Uma crise que desnuda o sistema de saúde brasileiro com todas as suas mazelas - e o pior - desnuda a natureza amadora e malévola de seus gestores em todas as camadas do poder executivo. A crise vem deflagrando um cruel desfecho para a população idosa, que nunca foi vista com prioridade nas políticas públicas e que sempre recebeu pouca atenção do judiciário, do executivo, das estruturas do sistema de saúde, das estruturas da engenharia e da arquitetura - basta olhar a falta de planejamento arquitetônico das cidades - no tocante à implementação de estratégias resolutivas para abarcar todas as necessidades advindas do envelhecimento. E o pior cenário surge no cume da epidemia, quando se observa o número de mortes indignas que vêm aniquilando a cidadania dessa parcela da população no Brasil. Dito de outra forma, o direito ao "morrer digno" foi usurpado pela necropolítica vigente. A fala da filha de um senhor de 91 anos acometido pelo novo coronavírus internado num hospital particular dimensiona essa realidade... "Ele tem problemas de consciência, mas se relaciona com a gente, conversa. Neste país, estamos vivendo um utilitarismo da vida humana. O que é uma pessoa? É alguém que produz ou alguém que tem uma rede de afetos, que o ama e com quem ele se relaciona. Estamos no país do 'e daí?' ([veja](#)) Quando o contágio pelo vírus vira extermínio impune e legitimado, temos que nos perguntar de que valeu a pena viver, qual foi o seu real sentido, serviu para quê? Para que tantos anos de serviços prestados, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da nação? Tanto tempo dedicado em criar e educar os filhos, tanto suor e tanta energia empregada para cuidar e resguardar uma biografia! Para quê? Para no final da vida virar "massa indistinta de mortos e moribundos", como bem definiu Paul Ricoeur, eminente filósofo francês. Para Ricoeur, na "massa indistinta de mortos", moribundos e cadáveres são confundidos em sua potência de contágio pestilencial e é nesse momento que surge o problema de identificação, de discernimento, ou seja, quando a morte ordinária (natural) é contaminada pela morte-limite, pela morte horrível (epidemias, guerras, catástrofes).

Daí naturaliza-se as perversas escolhas de Sofia, as escabrosas mistanásias e as permissões nefastas para os genocídios. Vejamos os exemplos:

A Recomendação nº 042, de 22/05/2020 do Conselho Nacional de Saúde em relação à suspensão imediata das Orientações do Ministério da Saúde (MS) para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da Covid-19, como ação de enfrentamento relacionada à pandemia do novo coronavírus, em um dos seus *considerandos* assevera: "a adoção da cloroquina / hidroxiclороquina é uma decisão política tomada por não especialistas em saúde e que, segundo dados do próprio MS, as hospitalizações de pretos e pardos com síndrome respiratória aguda grave representam 23,1% do total, mas as mortes dessas parcelas da população somam 32,8%, o que reforça os processos de extermínio promovidos pelo Estado brasileiro contra a população negra e outros grupos vulnerabilizados, como indígenas, ciganos, quilombolas, moradores de favelas, bairros periféricos, terreiros, assentamentos, populações do campo, em situação de rua etc.;" Aqui nos defrontamos com a força obscura e a face mais horrenda do contágio quando é transformado em extermínio!!! Na visão de uma advogada pesquisadora de temas ligados ao direito médico e bioética, salta aos olhos a tão propalada escolha de Sofia: "Por outro lado, segundo a advogada Luciana Daldato, a escassez de leitos e respiradores durante a pandemia tem levado muitos hospitais a adotarem a idade do paciente como critério de não intubação... Estamos vendo isso com 90, 80, 70 anos. Isso é absurdo e inconstitucional, ilegal. Mas uma coisa é não investir no paciente porque a condição clínica mostra que a utilização de um suporte de vida é maléfica e a outra é decidir dar preferência para uma outra pessoa [mais jovem, por exemplo] a despeito do mais velho também ter indicação [de intubação]." ([veja](#)) A crise sanitária advinda do novo coronavírus desnuda o sistema de saúde expondo uma de suas mazelas - que é o total desconhecimento por parte da população sobre os cuidados paliativos -.

Uma abordagem da saúde que a maioria dos pacientes idosos deveria receber para o manejo das recorrentes crises de necessidades provocadas por complicações clínicas de suas doenças crônicas.

Muitos familiares foram e estão sendo surpreendidos pela não indicação de intubação oro-traqueal aos seus septuagenários, octogenários, nonagenários no momento que apresentam síndromes respiratórias agudas graves provocadas pelo vírus letal. Por outro lado, acusamos a fragilidade da estruturação dos cuidados paliativos na rede de atenção à saúde, assim como, o despreparo das equipes de saúde para esse cuidado.

continua

<p>Estamos em maus lençóis, no mato sem cachorro, no mar que não está pra peixe e com a pipa no alto com a linha sem cerol... O nosso amorismo e a nossa animosidade não podem compactuar com o extermínio de milhares de pessoas, principalmente quando falamos de populações vulneradas, como os queridos vovôs e vovós.</p> <p>É preciso transgredir o olhar para o processo de morte das pessoas. Porque o olhar que estamos direcionando para a morte em massa dos nossos anciãos é um olhar frio e indiferente. Segundo ainda Paul Ricoeur em seu desafiador livro “Vivo até a morte - seguido de fragmentos” quem está morrendo não quer ser visto como já-morto e sim como um vivo-ainda, por isso a transgressão do olhar se torna um imperativo:</p>	<p><i>“... mas é um outro olhar que não vê o agonizante como moribundo, que logo terá cessado de viver. O olhar que vê o agonizante ainda vivo, como carregado pela emergência do Essencial em sua vivência de vivo-ainda, é outro olhar. É o olhar da compaixão, e não do espectador que se antecipa ao já-morto.”</i></p> <p>Para a era pós-pandemia, tão conjecturada e sonhada, para além da técnica, de protocolos A, B ou C e da concorrida e esperada vacina, precisaremos não exterminar a esperança de um Brasil mais justo e igualitário! Precisaremos de outro olhar, de um olhar imunizador para todas as ameaças que vêm de fora, de um olhar que seja contagioso de amor e virulento de compaixão! ■■■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	